

O IMPARCIAL

ANNO I

Florianopolis, 2 de Abril de 1916.

N. 9

ORGAO INDEPENDENTE.—Estado de Santa Catharina.—PUBLICAÇÃO QUINZENAL.

Expediente d'„O IMPARCIAL“

Redactor—A. C. Gonçalves

— Assignaturas —

Anno. 2\$500
Semestre. 1\$500
Numero avulso . . . \$100

Toda correspondencia para este jornal deverá ser endereçada á «Redacção d'O Imparcial. — Posta Restante. — Florianopolis».

Pro-patria

I

Depois que o grande palacio de Haya, onde se tratou um dia da paz universal, tornou-se uma prova palpavel de que as convenções não passam d'ideias irrealisaveis, cada nação tem por dever tratar de sua defesa armada. A diplomacia, sobre ser o ponto mais em evidencia da politica internacional, torna-se desvalorisada e pequenina, nada mais valendo que o ouro que resulta de seus bordados, ante a vontade dominadora d'um povo, quando este se ver offendido em seus brios e inviolaveis principios.

A guerra foi, é e será sempre uma das verdades indestructiveis da humanidade, emquanto o homem não chegar pela sua evolução progressista a um ponto determinado tal, que encare esse principio como a desgraça verdadeiramente phantastica, como pintou muito bem a penna de ouro do grande mestre P^o. Vieira,

Verdade ainda em nossos dias, é a guerra encarada diante as grandes questões d'Estados, como a unica cartada jogada ao mundo, como solução unica para os casos de honra.

E vence o mais forte.
Canta o hymno da victoria, em homenagem á sua bandeira, aquella nação cujos elementos falla pela bocca de seus canhões e a coragem de seus soldados.

O brasileiro que é, essencialmente por principio, um povo dado a esse desinteresse pelos seus direitos, fica-se a pasmar, somente, quando se diz que temos inimigos que nos olham como os lobos olham as ovelhas.

Quasi ninguém crê na realização de uma guerra entre nós e outra nação...

No entanto de quando em vez a alma nacional estremece, sacudida pelos apupos de certos visinhos...

Mas, passada a primeira impressão, o gigante deita a sua cabeça lá nas margens do Amazonas, esticados os pés que se vão ficar pelas do Chuy! E o seu coração, pulsando soccegaadamente, na cidade da luz, n'aquellas encantadoras plagas de S. Sebastião, deixa que espouquem no ar, como foguetes, os boatos a estourarem! Mas, si deixarmos de lado, essa inação, e principiarmos a encarar a questão da torça de um paiz armado, não teremos nunca os olhos fechados...

O brasileiro precisa deixar de olhar a poesia immensa que maravilha o seu paiz! A guerra que ensopa de sangue a velha Europa está a nos ensinar os exemplos.

Olhemos pois ao velho facho que emana as luzes da civilização e aprendamos como criança consciante os exemplos dos velhos.

Então, aprenderemos...

LEO.

General Jacintho Bittencourt

Passará, a 5 do corrente, o anniversario da morte do bravo catharinense General Jacintho Machado de Bittencourt, um dos heroes da campanha do Paraguay.

Depois de tomar parte nos principaes combates, distinguindo-se sempre po sua intrepidez, principalmente em Lomas-Valentinas, onde foi a figura de maior destaque, o distincto patriota, enfraquecido pela doença, adquirida nas inhospitas terras de Solano Lopes, veio a fallecer, em Assumpção, a 5 de Abril de 1869.

A memoria do denodado filho de Santa Catharina, "O Imparcial", presta, nestas linhas, singela mas sincera homenagem.

Resolução aviltante

O sr. Julio Toldo, proprietario do Rink Catharinense, resolveu não permittir que homens de cör e praças de pret patinem naquella casa de diversões. Como brasileiros, protestamos contra essa aviltante medida tomada em relação a patriocios mercedores da mesma consideração de que gozam as demais pessoas que alli têm ingresso.

Não podemos admittir essa distincção odiosa entre filhos do mesmo paiz que se algum dia for preciso darão a vida em defesa da Patria, emquanto o Sr. Toldo ficará, talvez, muito comodamente, no seu Rink, feliz graças á hospitalidade do nosso povo. A resolução do sr. Toldo é um ultraje aos brasileiros, sen-

do indispensavel, por consequente, a sua revogação.

E' censuravel o silencio que, sobre o caso, estão mantendo os nossos collegas da imprensa d'esta capital, que, parece, não querem cahir no desagrado do proprietario do Rink Catharinense.

Voltaremos a tratar do assumpto.

UM CASO GRAVE

Ha tempos um chefe politico de Therezopolis, *muito amigo* de nossa Patria, teve a audacia de obstar que as creanças d'aquella localidade frequentassem a escola brazileira alli installada.

A attitude do *garboso e sympathico* chefe teve como resultado a suppressão da alludida escola.

Agora, é um tal Hugo Westphal, que se julgando subdito de S. M. o Kaiser, apesar de ter nascido no Brazil, tenta impedir o funcionamento de uma escola estadual, recentemente creada em Santa Izabel.

E' o cumulo do atrevimento!

Hugo Westphal, como todos os elementos perniciosos ao paiz, precisa de um energico correctivo.

Esse individuo, se quer mandar e ser obdecido, deve ir para o Camerum ou para qualquer outra possessão allemã, pois aqui tem o dever de respeitar as leis do Brazil, que é e continuará a ser livre, apesar dos arreganhos de meia duzia de desequilibrados.

OS CALUMNIADORES

Em o numero 4 do nosso jornal, reptamos os collaboradores d'«O Clarão», a assumirem a responsabilidade do que têm escripto contra o clero e as familias catholicas, assignando seus artiguetes, sob pena de continuarmos considerando-os covardes e infames calumniadores.

São decorridos dois mezes

e, não sabemos se porque fomos benevolos nos qualificativos que lhes demos, os atrevidos *pregadores da moral* ainda não se justificaram perante a sociedade.

Esse silencio é um frisante attestado da covardia dos miseraveis e ferozes inimigos da sublime religião do Martyr do Golphtha. E' tempo perdido esperar d'esses *valerosos* individuos um acto digno.

Cem elles não mais nos occuparemos e ao seu desprezivel jornaleco daremos, sempre que nos chegue ás mãos, o unico destino que merece: será atirado ao monturo, com o indispensavel acido phenico por cima.

Um discurso do cardeal Mercier.

O *Seculo XX*, jornal belga que se publica no Havre, insere um commovente discurso pronunciado pelo Mgr. Mercier, diante d'um numero publico de fieis, na gruta de Nossa Senhora de Lourdes, proximo de Gand. Eis o principal trecho.

—«Meus irmãos, uma pala-

vra ainda: estou satisfeito com os vossos actos. Todos os dias recebo do estrangeiro cartas de condolencias que terminam, quasi sempre, com estas palavras: Pobre Belgica! Ao que respondo. Não, não pobre Belgica (*acclamações*), mas grande Belgica (*acclamações*). No mappamundo não era até agora senão um ponto minuscuro que muitos estrangeiros só olhavam por um microscopio, mas hoje não ha nação alguma no mundo que não renda a devida homenagem á nossa Belgica. (*acclamações prolongadas.*)

«Como ella é grande e bella! Se a vissem como nós a vemos com os nossos olhos, saberiam que mesmo após um anno de soiframento, não houve ainda um só belga que chorasse, ou se queixasse. Não encontrei ainda no meu caminho um operario sem trabalho, uma mulher sem recursos, uma mãe triste ou uma esposa de luto que murmurasse! Todos se inclinam diante da mão da Providencia Divina. (*Acclamações.*)» (*Ext.*)

LUX ET TENEBRAE

Não sei dizer que mystico quebranto
Me transformara o coração, não sei
Como eu que, ingrato, te odeava tanto,
Doudo de amor, o teu amor busquei.

O teu amor julguei achar, no entanto,
A insana furia do teu odio achei:
Mudaste em odio o teu amor, emquanto
Meu odio atroz em puro amor mudei.

Ouve-me: o Odio é a treva, o Amor a Luz ...
Caminhavamos: eu, na estrada escura,
Tu, na senda estellar que me seduz

Hoje que te amo e tu me odeias, céva,
Aos haustos sorvo a Luz que me depura;
Choras, sucumbes sob a acção da Treva! ...

Archimimo Lapagesse.

Um Quadro

Ao meu inesquecível tio, Hugo Lespa

Altiua dama de feições mimosas
Em cuja graça emocionante scismo,
Ao noivo pede uma daquellas rosas
Que, raras, abrem no cairel do abysmo.

E o moço galga esarpas escabrosas
Dando provas de mystico heroismo
Para colher uma daquellas rosas
Que, raras, abrem no cairel do abysmo.

Eil-o que volta, emfim. afflicto, exangue,
De vivas chagas borbulhando sangue,
Dores curtindo, em largo paroxismo,

E aos pés da dama de feições mimosas
Depõe, morrendo, uma daquellas rosas
Que, raras, abrem no cairel do abysmo !...

Archimimo Tapagesse.

NO QUE DERAM OS "FADOS,"

Está ainda na memoria de todos, o facto, que, á guisa d'uma metralhadora, retumbou por todos os recantos d'esta cidade e fora d'ella, onde a imprensa tem a ousadia de metter o nariz.

O GYMNASIO CATHARIENSE NÃO QUIZ ADMITIR NO SEU INTERNATO OS FILHOS D'UM SENHOR.

Este senhor deu por paus e por pedras. Veio para a imprensa, vomitando cobras e lagartos contra o director e aquelle estabelecimento, onde se ministra um ensino são, debaixo de todos os pontos de vista.

Propalou aos quatro ventos, pelos meios de que pôde dispôr, que o Gymnasio Catharinense, posto ser subvencionado pelo governo do Estado, não admitiria os seus filhinhos, occultando muito de proposito a palavra *internamente* para assim expôr aos odios e aversão dos

incautos os talentosos e bemfazejos discipulos de Santo Ignacio.

Um amigo intimo d'esse senho, não lhe amargando o veneno em que esta pilula vinha envolvida, poz-se em campo, escudado de tal forma que (julgava elle) não podia ser atingido por qualquer bala sahida do ar: abuz do seu adversario.

Que succedeu ! Indo para buscar lá veio cardado !

Todos, clero e o povo, nobreza e burguezia *uma voce* condemnaram, acremente, o procedimento calumnioso d'este amigo intimo do seu intimo amigo.

Que decepção !!!

Esmagado pelos inesperados acontecimentos, viu ultrajada a sua honra e abandonhada a sua *destumbrante reputação*.

Que fazer em taes apuros ? O meio mais prompto, que a sua sagacidade lhe suggeriu, que melhor traduzia a sua magoa foi cortar d'uma vez para sempre as cordeas relações

com o seu intimo amigo, não lhe ligar mais a menor importancia. O feitiço voltou-se contra o feitiçeiro.

Manjares d'este tempero são sempre penosos de digerir, por isso não se passava momento algum em que o amigo intimo não mirasse, no espelho da sua imaginação, a figura ridicula que tinha representado.

Este pesadelo tirava-lhe, e creio que ainda tira, o somno durante as noites; a insomnia agarra-se-lhe como a ostra ao rochedo.

Um dos dias p. p., cedo, bastante cedo para o seu habito, não podendo supportar, por mais tempo, as visões horrorosas, que de vez em quando lobrigava por entre as trevas, que a aurora ainda não tinha enxotado do seu quarto, resolveu levantar-se.

Bem ou mal, envervou a roupa. Depois de ter atirado uns punhados d'agua ao rosto, ajusta ao pescoço o collarinho, cujas extremidades prende com o botão da camisa.

Durante estes preparativos, o astro rei fazia-se já annunciar pela côr rósea, no horizonete, o que deu causa, devido á pressa, a que a gravata ficasse pendurada na cabeceira do leito.

Sahe de casa, dirige-se a um café, pede uma chicara da predominante bebida, cá do nosso Brazil, que exgotta a longes sorvos, sem dizer uma palavra. Julgando que algumas inspirações d'ar matutino, acalmariam as incitações, que o acabrunhavam, resolve passear por entre as frondosas arvores do jardim.

Devido á myopia, encontra-se vis á vis: e com quem? Com o seu intimo amigo d'outro tempo. Não pode conter o rubor que lhe subiu ás faces, esquece n'aquelle momento o proposito feito; com os punhos fechados, os olhos chispando a travez os vidros dos oculos meio embaciados, com voz colerica e ameaçadora interpellou: então que diabo de mentiras é que v. por ahí tem espalhado sobre o caso do Gymnasio?!

O intimo amigo que desconhecia a resolução e revolução que se havia operado no amigo intimo limitou-se a dizer-lhe: O' amigo intimo! tu estás trocando commigo!?

Amigo Intimo (alterado.) Não troço, fillo muito a serio...

Por causa de v. desvirtuar o caso do Gymnasio, fiquei eu mais emendado, do que estava, no pantano do descredito.

Disse o que v. sabe, d'aquella seita negra, baseado na escusa, como v. disse, d'ella lá não querer os seus filhos. Agora sabe-se, com toda a certeza, que o director apenas recusou aos seus filhos o in-ter-na-to.

Que crime ha n'isso? Está no pleno uso do seu direito, admittindo no internato só aquelles que muito bem entender e quizer.

Intimo Amigo. (um pouco atrapalhado.) E' verdade... é... mas... julguei... que ás palavras *internato* e *externato* ninguem prestaria attenção alguma, nem mesmo olharia ao sentido d'uma e outra, passando sem darem no gotto do mais escrupuloso e eu ficava á vontade.

Amigo Intimo. (Com modos ameaçadores.) Quem é que me restitue a minha honra, a minha dignidade e consideração perdidas por tão grosseiro desacato aos padres jesuitas, na pessoa do seu superior e ao proprio Gymnasio?

Intimo Amigo: (perdendo o sangue frio) Qual honra, qual dignidade, qual consideração?!

A sua honra, a sua dignidade e a sua consideração nada perderam, porque não podem descer mais baixo, no conceito dos probos, que o conhecem!! Têm sido arrastadas, pela imprensa seria, pelas ruas da amargura. O seu rosto já serviu de tapete, onde uma senhora, de sentimentos nobres, moradora no Estreito, limpou, por mais d'uma vez, uma das chinelas!

Quer que lhe diga mais?!

O senhor é um cano d'exgotos rebentado!!!

Estas affrontas sobrepujaram a prudencia do amigo intimo a

tal ponto, que encolerizado, espumando raiva, se preparava para, não obstante o seu physico debil e annoso, tirar a desforra condigna. A bengala, mãos e pés ruíam postos em acção.

O sussurro que este dialogo produziu, chamou a attenção dum policia que passava. Um momento lucido lhe trotxe á mente a serie de complicações, que d'alli podiam resultar.

D'orelha cahida, abandonou a arena, sem dar o adeus ao seu *intimo amigo*.

Todo este aranzé presenciou cá o

Zé

Gentileza de collegas

“O Dia” e “A Época” noticiaram a publicação do n. 8 do nosso jornal nos seguinte termos:

«Publicou-se, no domingo ultimo, mais um numero d’«O Imparcial», o sympathico quinzenario que, sob a direcção de Amphiloquio Carvalho, vae, na imprensa periodica, apostolando as causas nobres e dignas.»

(D’«O Dia», de 22 de Março.)

O IMPARCIAL — Vai ser distribuido amanhã o nosso denodado collega “O Imparcial”, que tem pugnado desassombadamente pelo progresso e engrandecimento do nosso Estado, defendendo galhardamente a religião catholica dos ataques de seus inimigos, aos quaes tem anniquilado com seus argumentos convincentes.

Avante, campeão da boa causa! (D’«A Época», de 18 de Março)

Aos dois apreciados collegas, “O Imparcial”, agradece tão honrosas referencias.

Secção dos novos

(Vide n. 6 d’«O Imparcial.»)

PAZ

(Ao amigo Santos Neves)

Afastamo-nos da cidade tu-

multuosa, para contemplarmos o mar, agora que o sol de meio dia se compraz em sorrir ás vagas.

Oh! como é bello o mar nestas costas, onde parece ter renunciado o seu poder de inspirar terror!

Seu ondular sereno e o vento que sopra brandamente trazem-nos alegria aos corações, ao mesmo tempo que pensamentos tristes vêm nublar nosso prazer.

E' que, embora sejamos felizes, não nos esquecemos dos que soffrem frio, fome e sede e dos que perderam, na guerra que infelicitou a Europa, pae, esposo, filhos, irmãos e noivos.

O silencio do mar traz-nos todos esses pensamentos.

Oh! porque fazeis a guerra, homens sem coração? Porque manchaes a civilização?

Não bastam, por acaso, a peste e outras desgraças para castigo da maldade dos homens?

Porque, então, augmentar a infelicidade humana com a guerra, esse moastro terrivel?

Homens! Se procuraes conquistar a gloria, deveis buscal-a no trabalho.

Deixai as armas e beijae fraternalmente vossos inimigos, afim de que a humanidade seja mais feliz, pairando sobre o universo o Anjo da Paz.

José da Rocha Passos.

Dor Eterna

A alguem

Quando eu sentir-me perto, muito perto, D'esse fantasma que se chama—Morte, Peço deixem-me a sós neste dezerto, A supplicar um bem que me transporte.

Não quero a fulva luz de agras chimeras, Nem as ardencias lúnebres dos Cyrios. Somente quero o yrtos rosas, heras, P'ra pôr na tumba atroz dos meus martyrios

Quando passar meu “coche” mortuario, Conduzido por quem amei na Vida, Ao Campo—Santo,—o fim de meu calvario,

Quero que um pranto teu, mesmo fingido, Embalsame a minh'alma combalida, E cicatrize o meu peito opprimido...

Nicolau N. Nahas